

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VINÍCIUS EDUARDO MESQUITA

**TEATRO E SUSTENTABILIDADE: A REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS NA
PRODUÇÃO CENOGRÁFICA**

MATINHOS
2018

VINÍCIUS EDUARDO MESQUITA

**TEATRO E SUSTENTABILIDADE: A REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS NA
PRODUÇÃO CENOGRÁFICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do diploma de graduação do curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientadora Profa. Dra. Luciana Ferreira

MATINHOS
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

VINÍCIUS EDUARDO MESQUITA

TEATRO E SUSTENTABILIDADE: A REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS NA PRODUÇÃO CENOGRAFICA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Graduação, Curso de Licenciatura em Artes, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dr. Luciana Ferreira
Orientadora

Prof. Mestre José Luiz de Souza Santos
Examinador

Prof. Mestre Alaor de Carvalho
Examinador

MATINHOS
2018

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Universo, Deusas, Deuses e as energias por todas as realizações alcançadas. Faço um rápido agradecimento pessoal ou um lembrete, por mesmo com alguns tropeços nessa trajetória, ter acreditado, insistido e continuado seguindo em frente... Viu Vinnie, conseguimos.

Agradeço imensamente a minha mãe Neuci Kwiatkowski (Mãezoca), por todo o amor, ajuda e apoio dados sempre, pela força, pelas palavras, pela nossa união e companheirismo, em todo e qualquer momento.

Agradeço a minha orientadora Prof.^a Luciana Ferreira, por todo o suporte que me deu em cada fase desses anos e por me acompanhar nas loucuras que eu imaginava.

Agradeço aos meus familiares e também a todas as amigas e amigos, de turma e de vida, que de alguma maneira me ajudaram nesse longo processo de estudo, de trabalho e de crescimento pessoal e profissional.

A presença, o apoio, as palavras e o abraço de cada uma/um foi, é, e sempre será importante e especial demais para mim! De coração, muito obrigado!

RESUMO

A presente monografia trata de um estudo e um relato de experiência sobre a produção de uma cenografia teatral sustentável. Partindo de uma crescente preocupação com o planeta e o meio ambiente, esta produção se deu utilizando como matéria-prima materiais recicláveis e reutilizáveis, encontrados na rua ou acumulados no dia a dia. Para isso, inicialmente foi realizada uma pesquisa histórica sobre as artes teatro e cenografia, a fim de formar uma base para o trabalho. Depois, foram relacionados os conceitos de cenografia e sustentabilidade, que firmaram uma criação experimental de objetos cenográficos. Os resultados positivos alcançados com essa produção oportunizaram a construção do cenário de um espetáculo de teatro de uma companhia teatral, produzido a partir de oficina e trabalho em equipe. Espera-se que as produções, além de comprovarem as possibilidades fundamentadas, e a própria fundamentação, inspirem e despertem no leitor a criatividade e a preocupação com o meio ambiente e seus semelhantes.

Palavras-chave: Teatro. Cenografia. Sustentabilidade. Reciclagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 UMA BREVE HISTÓRIA DO TEATRO.....	7
3 A CENOGRAFIA.....	11
3.1 RELAÇÕES ENTRE CENOGRAFIA E SUSTENTABILIDADE.....	13
3.2 A REUTILIZAÇÃO E A RECICLAGEM DE MATERIAIS PARA A ARTE E PARA A CENOGRAFIA.....	14
3.2.1 Teatro com papelão e sacos de cimento.....	15
3.2.2 Teatro com Materiais Ressignificados na Imagem Teatral.....	15
3.2.3 Empresas verdes.....	16
3.2.4 Fósforo Cenografia.....	17
3.2.5 Ciclo Vivo.....	18
4 PROCESSOS DE PRODUÇÃO CENOGRÁFICA COM A REUTILIZAÇÃO DE MATERIAS DESCARTADOS: UMA PROPOSTA DE PROJETO DE APRENDIZAGEM / UFPR SETOR LITORAL.....	19
4.1 A CONFECÇÃO DO PRIMEIRO OBJETO: A LAREIRA.....	22
4.2 A CONFECÇÃO DO SEGUNDO OBJETO: O CRIADO-MUDO.....	26
4.3 CENOGRAFIA COMPLETA PARA UM ESPETÁCULO.....	29
4.3.1 Oficina de Papietagem.....	31
4.3.2 Confecção de Carrinho – Catadores.....	35
4.3.3 Confecção da Traseira de Caminhão.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Teatro é uma arte híbrida que envolve e abraça várias outras formas de arte. Não que seja necessariamente uma regra, mas muitos acreditam que o seu fazer é coletivo, tanto de atores quanto de produtores, entre outros. Aos atores cabe um trabalho corporal, mental e psicológico – elementos necessários à atuação. Aos produtores cabe a responsabilidade de coordenar, organizar e garantir a realização do espetáculo. Figurinistas, maquiadores, iluminadores, sonoplastas também são alguns dos outros profissionais que podem estar presentes na criação, além do cenógrafo, uma vez que a cenografia é um dos elementos principais de uma peça teatral.

A cenografia, enquanto conceito que evoluiu historicamente é anterior ao que conhecemos como teatro. Ela compôs, desde rituais primitivos até decorações de eventos por toda a história humana, até ser apropriada, expandida, elaborada e reelaborada pela área teatral (NERO, 2010).

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, serão analisadas a cenografia teatral, seu histórico e sua evolução até a contemporaneidade, aprofundando a reflexão para as possibilidades sustentáveis em sua elaboração – uma vez que esta pesquisa leva em consideração a crescente preocupação ambiental e o consumo consciente.

Primeiramente, apresentam-se aqui as definições de cenografia e sustentabilidade; em seguida, apresenta-se exemplos de empresas e companhias teatrais que trabalham com produções cenográficas que priorizam a sustentabilidade, o reuso e a reciclagem; e finalmente relata um processo experimental de produção cenográfica no qual o cenário e os objetos para uma peça de teatro foram elaborados com materiais reutilizados e/ou reciclados na tentativa de comprovar na prática e, efetivamente, as possibilidades de construção e produção de alternativas sustentáveis para a produção teatral. Esta experiência se desenvolveu durante a graduação no Curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor Litoral (turma 2015-2018).

2 UMA BREVE HISTÓRIA DO TEATRO

Teatro, palavra originada do grego *theatron*¹, é a arte da representação. Ligado diretamente às questões da expressão humana, o teatro faz parte de um mundo onde tudo e todas as coisas são possíveis. Nele convivem e coexistem a verdade e a mentira, a ficção e a realidade, a comédia e o drama. Emoções tranquilas, tempestuosas, sustos, entre outros sentimentos nos é mostrado e trazido pelo teatro, que nos abre, constantemente, os olhos para a realidade. Questionando e respondendo, gritando ou calando, transformando nossa imaginação. Amor, prazer, loucura, tudo se transforma numa viagem para o espectador e na possibilidade de viver mais de uma vida para aquele que atua.

No teatro, todas as histórias podem ser contadas, sob os mais variados temas, que percorrem diversos caminhos e infinitas possibilidades. Fernando Peixoto (2007, p. 14) diz que devido a tantas evoluções e mudanças “...hoje não existe um teatro, mas vários”. Desta forma, é possível afirmar que constantemente essa arte passa por transformações, e assim como tudo e toda arte, ela também se desenvolve e se modifica no tempo e no espaço.

Acredita-se que muitas coisas podem faltar numa produção teatral mas são essenciais: comprometimento, responsabilidade, emoção e paixão pelo que se faz no grupo teatral ou ao indivíduo que decide trabalhar sozinho. Há muitos séculos o teatro “com paixão” vem sendo feito, e este teatro apaixonado conquistou e continua conquistando pessoas ao redor do mundo.

Mas onde se inicia essa paixão? Como começou e se desenvolveu? Berthold (2011), em seu livro “História Mundial do Teatro” reuniu fatos e registros documentais sobre esta arte. Segundo a autora, existem evidências de que já nos tempos primitivos, existiram rituais, cerimônias e danças, (registrados, através de pinturas rupestres nas paredes das cavernas), que mesmo não recebendo uma denominação já podiam ser consideradas “encenações teatrais”. Nota-se então que essa prática artística evolui com a humanidade, desde a época primitiva – tanto no oriente quanto no ocidente – acontecendo de diferentes formas, utilizando diversos objetos, regras, normas; realizado para divertir, ensinar, narrar fatos históricos,

¹ *Theatron* é como era chamada a arquibancada ao redor do palco onde o público se sentava para assistir as encenações teatrais (NERO, 2010, p 14).

folclóricos, sociais e religiosos, estando presente em festivais, cortes, mercados, campanhas militares e missões diplomáticas. (BERTHOLD, 2011).

Cada tempo e espaço possui sua história e uma origem para o “seu” teatro. Todos estes diferentes “teatros” evoluíram em estilos e formatos, mas alguns lugares mantiveram suas tradições através do tempo até o momento atual. Socialmente e culturalmente, este apreço às tradições tem muita força, pois relembram a todo tempo os caminhos já percorridos pelas diversas civilizações reafirmando a história e a identidade dos povos. Por outro lado, é possível observar, que em praticamente todos os momentos históricos o teatro, assim como as demais manifestações artísticas estiveram envolvidas com a religião, com a fé, com o poder, a política e paradoxalmente com os levantes populares, com a quebra de modelos impostos socialmente e com os diferentes tipos de protesto.

Berthold (2011) afirma que o teatro ocidental teve origem com o teatro grego. Esta origem vem da relação entre homens e deuses, dos cultos, rituais e homenagens. Para o Deus grego Dionísio, por exemplo, foram desenvolvidos rituais que geraram a tragédia e a comédia cênica. Ele acabou por se tornar o deus do Teatro, com diversos eventos e festivais a ele dedicados. O teatro na Grécia antiga possuiu tamanha força e poder que, ainda hoje, nada foi capaz de superar essa importância – sendo o grande precursor de todos os demais espetáculos ocidentais.

É na Idade Média, entretanto, que a combinação de alguns aspectos junto à cristianização da Europa Ocidental faz surgir a representação nas igrejas – momento em que o altar virou palco e as festas cristãs como o Natal e a Páscoa viraram encenações. Com o passar dos séculos estas encenações² foram se desenvolvendo, crescendo e “saindo” do altar da igreja para os espaços da cidade: em pátios, aldeias e praças, juntamente com o carnaval, autos e procissões (BERTHOLD, 2011).

As grandes mudanças que marcaram o Renascimento – quebras de paradigmas, disputas, uniões e rompimentos foram realizados, possibilitaram o nascimento do “Teatro Elisabetano”³ e o surgimento de grandes nomes, como por

² No Brasil contemporâneo, pode-se citar, por exemplo, encenações cristãs que cresceram e ganharam grande espaço e público: “A Paixão de Cristo” é uma das mais famosas peças a ser citada. Sua encenação acabou tornando-se até mesmo projeto de lei (nº 161/2014) da Assembleia Legislativa de São Paulo. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1194548>> Acesso em 02/10/2018.

³ É o teatro criado e produzido durante o reinado de Elizabeth I. (BERTHOLD, 2011).

exemplo, o de Shakespeare. De acordo com Berthold (2011, p. 270) foi neste período que se desenvolveu o palco em perspectiva – momento em que as pinturas de cenários ganharam profundidade e um certo ar de realismo.

É possível afirmar, portanto, que os diferentes períodos e movimentos da história são responsáveis por grandes surgimentos e transformações, tanto no teatro quanto nos elementos que o compõe. As evoluções que aconteceram, como os casos do palco, da visão sobre as pinturas e a função da cenografia, agregavam cada vez mais valor à arte do teatro e a seu fazer artístico.

Um crescimento exponencial do teatro ocorreu no período Barroco – o surgimento da ópera e do ballet fez com que as salas de espetáculos se tornassem espaços tão ou mais importantes que os palácios. O palco estava incluso nestas transformações, adotando a forma de uma “lanterna mágica”, ganhando também um arco no proscênio⁴, cortinas, coxias (divisões nas laterais do palco para entrada e saída da cena) e profundidade (BERTHOLD, 2011 p, 324).

Entre os séculos XV e XVI, período do renascimento italiano, surgiu a “*Commedia dell’arte*”: um teatro de habilidades, improvisação, acrobacias e agilidade, onde grande parte do elenco usava máscara para caracterizar seus personagens. Seu conceito surgido na Itália tornou-se a matéria-prima do teatro de comédia do mundo. A “*Commedia dell’arte*” é estudada e realizada até hoje – sendo seus atores os primeiros profissionais do teatro (BERTHOLD, 2011 p, 353). É preciso considerar que este gênero possui muita força por razões que vão além da história – ou seja, sua técnica, produção e atuação possuem um caráter poderoso, único e seus detalhes acabam por torna-lo algo muito especial.

O teatro europeu do século XVIII auxiliou no conhecimento e autoconhecimento humanos, na construção de grandes teatros e, na produção de óperas que marcaram o início da era burguesa. Esta época se dá por terminada quando o Romantismo⁵ torna-se o primeiro movimento literário cosmopolita que reúne revolução e restauração. Países da Europa e seus vizinhos desejavam um teatro próprio ou pensavam em um repertório mundial. Este cenário demonstra a diversidade de formas simultâneas que proclamavam a aproximação de um

⁴ Espaço do palco onde a ação cênica acontece (URSSI, 2006, p, 30).

⁵ Movimento artístico, político e literário europeu ocorrido entre os séculos XVIII e XIX (BERTHOLD, 2011).

processo de democratização, que encontrou sua primeira expressão no naturalismo⁶ do início do século XIX.” (BERTHOLD, 2011, p. 382).

Com o passar dos anos os movimentos literários deixavam na história seus desenvolvimentos, acréscimos e marcas, transformando as artes, as estruturas físicas, as construções e a própria sociedade. Sob diferentes aspectos, o teatro avançava em posições, variedades e conceitos.

Ciência, antropologia, sociologia, economia, política e história passam a influenciar mais e mais a arte teatral europeia que foi “pulverizada” para cada vez mais países. O Teatro do século XX cruzou o mundo, ganhou força, visibilidade e espaço (BERTHOLD, 2011).

Nos séculos XX e XXI expandiram-se as experimentações e a quebra de paradigmas teatrais, inclusive e, particularmente, naquilo que diz respeito aos novos modos de participação do público. Surgiram, nestes séculos, novos estudos, textos, técnicas, composições, figurinos e cenários. A complexidade contemporânea, entretanto, não conseguiu impedir o desenvolvimento do teatro, que se mantém vivo, ativo e pulsante.

⁶ Movimento artístico e cultural originado na França em meados do século XIX que busca investigar o comportamento humano e expor problemas políticos, econômicos e sociais (BERTHOLD, 2011).

3 A CENOGRAFIA

Embora também pertença ao teatro, a cenografia não teve o seu início no mesmo. Seu surgimento se deu principalmente como decoração em eventos e rituais que levaram conseqüentemente à sua união a arte do teatro. Nessa união, ela pode ser caracterizada como “um espaço” e como “as coisas que ocupam este espaço” em um espetáculo teatral (NERO, 2010). O cenário, em muitos casos, pode ser considerado como essencial, uma vez que pode contextualizar os diferentes espetáculos e/ou as cenas antes mesmo do início da encenação. Isto porque, os cenários dizem muito sobre as histórias e os ambientes nos quais os atores estão inseridos.

Historicamente, após ser abraçada pelo teatro, a cenografia passou a ter um valor, um texto e um fazer dramático. No teatro grego, século V a.C., os cenários de uma peça eram grandes telas com pinturas que ficavam no fundo dos palcos, encostados na *skene*⁷. Esses painéis foram pedidos por Sófocles para que os atores atuassem em frente a eles. Nessas pinturas estavam informações que situavam a cena: uma casa, um castelo, uma montanha, uma floresta (NERO, 2010).

A cenografia se desenvolveu conforme a necessidade e o surgimento de novas tecnologias. As pinturas representavam os diversos lugares percorridos pelos personagens durante a encenação e desta forma o público ganhava um apoio visual que podia agregar entendimento sobre a história e as cenas.

Com o passar dos séculos, os elementos cenográficos que, primeiramente eram apenas pinturas, passam a ser tridimensionais, ocupando o palco e a cena juntamente com os atores (NERO, 2010).

Segundo Howard (2015, p. 17), “o cenógrafo tem a responsabilidade de fazer o máximo para alcançar o melhor entendimento no delicado e complicado processo de fazer o teatro funcionar”. Afinal, os detalhes de um cenário são capazes de dizer se a peça se passa no futuro, nos dias atuais ou no passado. Também é capaz de exprimir riqueza ou pobreza, se o ambiente é tranquilo ou caótico. Obviamente, os atores, os figurinos, as falas, a sonoplastia, tudo isso também demonstra como e onde se passa a história encenada, mas o cenário contribui

⁷ Um tipo de tenda onde os atores se escondiam para trocar máscaras e figurinos. Depois de um tempo passou a ser construída para guardar trajes, adereços e cenários (NERO, 2011).

fortemente para o entendimento, absorção e compreensão das peças teatrais e de seu contexto.

O profissional da cenografia é chamado de cenógrafo. Para Nero (2010, p, 20) o cenógrafo é um hermenêuta do texto – é ele quem estuda profundamente e esmiúça as ações, conflitos e detalhes contidos na história e, a partir da compreensão e entendimento desta história, elabora e constrói os projetos e o cenário para o espetáculo teatral.

É difícil dizer ou mesmo encontrar uma definição para o que é cenografia, tanto que Howard (2015, p. 19), em seu livro “O Que é Cenografia?”, dedica um capítulo do mesmo a diversos cenógrafos/cenógrafas do mundo para que os mesmos conceituem esse ofício.

Entende-se que não se trata de um trabalho solo e reservado, é um trabalho coletivo. Mais do que um painel de fundo para as cenas, o cenário é algo disposto no palco para interagir com o ator e com o público e, essa complexa relação faz com que o espaço e as ações “criem” vida (HOWARD, 2015).

A cenografia não é algo aquém nem além do teatro. Ela faz parte do todo teatral e tem seu objetivo e função nesse todo. A ideia, a concepção, a construção física dos cenários e a apresentação da peça são etapas realizadas em conjunto, e é esse conjunto que será observado pela plateia. Howard (2015), explica que o teatro é a junção dos atores, textos e públicos. Para a autora, é essa junção que gera uma encenação. A encenação para acontecer necessita de um determinado espaço, e é nesse espaço que o cenógrafo trabalha – desde a análise do espaço vazio e a busca de encontrar seu potencial até o preenchimento e aprimoramento deste espaço.

Na encenação teatral a cenografia vai ocupar e caracterizar o espaço reunindo nele os elementos que compõem o ambiente da cena e/ou peça. Esses elementos são construídos levando em consideração os detalhes do texto e a movimentação que será realizada na cena pelos atores.

A criação da cenografia teatral deve integrar texto, conceitos do diretor e a movimentação dos atores, de modo que os elementos juntos criem uma atmosfera conectada ao momento histórico, a estrutura dramática e aos conflitos presentes na obra (NERO, 2010). A reunião dessas informações na construção dos cenários além de ajudar a descrever visualmente os detalhes como tempo, ano, período, estação, classe social dos personagens representados na peça, etc., podem fazer com que o

público imerja para o lugar exato onde acontece a ação teatral, tornando a experiência ainda mais requintada.

Sobre os elementos visuais cenográficos, é válido também dizer o que afirma Magaldi (2008, p. 37), que acrescenta ao cenário a função de enquadrar a ação mas que está liberta do realismo – podendo, neste sentido, estabelecer vínculos com a fantasia e com o simbolismo e explorar também formas abstratas (MAGALDI, 2008, P. 37). Ela pode, assim, ser realista ou abstrata, exuberante ou minimalista – desde que componha um espaço de consenso entre as diferentes partes, pessoas e ideias que participam/propõem uma produção/ação teatral.

3.1 RELAÇÕES ENTRE CENOGRAFIA E SUSTENTABILIDADE

Relacionar os conceitos de sustentabilidade e de cenografia é refletir sobre temas contemporâneos (provocativos e polêmicos), que remetem a uma profunda preocupação contemporânea que muitos têm sobre a maneira como o ser humano se relaciona com o meio em que vive e com o futuro que imagina para o planeta Terra.

A sustentabilidade possui conceitos e definições bastante abertos. Sartori, Latrônico e Campos (2014) dizem que muitos autores compreendem a sustentabilidade como um caminho, um processo a ser alcançado conjuntamente ao desenvolvimento humano. Sachs (2009, p.85), não a define, mas sim dimensiona a sustentabilidade em oito critérios: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômico, político nacional e internacional. Ayres (2008), a entende como a forma com que os seres humanos interagem com a natureza, colocando sobre eles a responsabilidade para com as futuras gerações.

São inúmeros os conceitos e critérios que podem ser encontrados, sendo que todas as áreas humanas podem e devem pensar e agir de forma sustentável. Tudo dependerá de onde e como ela será realizada, isto porque quando se reflete sobre sustentabilidade é preciso também refletir sobre desenvolvimento sustentável. Neste sentido Sachs (2009, p.35), pontua os “critérios de relevância social, prudência ecológica e viabilidade econômica, como os três pilares do desenvolvimento sustentável”.

De modo geral, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade giram em torno do pensar e do fazer humano que não afete negativamente as necessidades

das futuras gerações – tomando especial cuidado com o meio ambiente, com a sociedade e com a economia mundial.

A problemática da sustentabilidade assume neste novo século um papel central na reflexão sobre as dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram. O quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que o impacto dos humanos sobre o meio ambiente tem tido consequências cada vez mais complexas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos (JACOBI, 2003, p. 193).

Compreende-se, atualmente, que a educação e a reeducação ambiental se fazem necessárias em todos os contextos por buscarem garantias de um futuro saudável para o próprio planeta e para os seres que nele habitam. O próprio Ministério do Meio Ambiente brasileiro entende que a busca por processos com menores impactos ambientais e sociais e que gerem efeitos positivos com relação a sociedade e a economia são necessários neste momento atual. E são estas as características de uma produção sustentável – aquela que procura aumentar o tempo de vida dos produtos e reaproveitar/reciclar todo tipo de material, fortalecendo ainda mais o próprio conceito de sustentabilidade (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2018).

A relação do conceito de sustentabilidade com a produção da cenografia teatral pode se dar sob diversos aspectos, seja na busca por uma produção ou na reutilização de materiais e objetos, seja buscando processos de construção sustentável dos elementos cenográficos. De que maneira? Na cenografia, buscar reutilizar elementos transformando seu aspecto visual ou produzindo novos objetos podem ser boas maneiras de “começar” este trabalho; utilizar materiais que possam ser reciclados ou reutilizados e prezar por processos de produção mais limpos e conscientes são importantes, pois como afirma Sachs (2009, p. 69): “A economia de permanência deveria estar afirmada na perenidade dos recursos, isto é, na habilidade de transformar os elementos do meio ambiente em recursos sem destruir o capital da natureza.”.

3.2 A REUTILIZAÇÃO E A RECICLAGEM DE MATERIAIS PARA A ARTE E PARA A CENOGRAFIA

Pensando nas relações estabelecidas entre arte cenográfica e sustentabilidade, são aqui apresentados referências e trabalhos que podem servir

como inspiração para trabalhos que os relacionem. Foram reunidas informações sobre empresas verdes, trabalhos artísticos e teatrais, cenógrafos, projetos e pessoas que utilizam e/ou já utilizaram recicláveis/reutilizáveis como matéria-prima.

3.2.1 Teatro com papelão e sacos de cimento

Matéria publicada pelo site “G1”, mostra o trabalho do artesão e mestre de obras de Brasília Virgílio Mota. Este brasileiro criou uma oficina de reciclagem/reaproveitamento, aberta para todo aquele que quiser entender ou aprender a reciclar. Com o ideal de não poluir a natureza, ele produz móveis, objetos de arte e instrumentos musicais usando materiais recicláveis. Para um espetáculo teatral ele utilizou papéis, sacos de cimentos e restos de brinquedos. (G1, 2016).

FIGURA 01: CENÁRIO COM MATERIAIS REUTILIZÁVEIS



FONTE: <https://bit.ly/2NPtCgw> ACESSO EM: 21 out. 2018

3.2.2 Teatro com Materiais Resignificados na Imagem Teatral.

Obra de Rafael Rios e Eli Ridolfi (2011). Antes de se tornar livro foi uma dissertação de mestrado defendida em São Paulo, Brasil. Neste livro os autores discorrem sobre a ideia de dar outro sentido e outras possibilidades a materiais que para muitos pode ser considerado apenas “lixo”. Analisando cor, forma, tamanho e textura de diferentes materiais, eles relatam o processo de produção de cenários, figurinos e adereços ressignificando esses elementos para o espetáculo “Conteúdo Onírico”, inspirado na vida e obra de Salvador dali.

FIGURA 02: CAPA DE LIVRO



FONTE: <https://www.amazon.com.br/Teatro-Materiais-Ressignificados-Imagem-Teatral/dp/8578760263> ACESSO EM: 19 out. 2018

3.2.3 Empresas verdes

O Instituto Brasileiro de Defesa da Natureza (IBDN), possui em seu site listas sobre empresas verdes. Recebe esse nome as empresas que possuem “Selo de Sustentabilidade”. Esses selos garantem para o consumidor e para a sociedade a sustentabilidade da empresa e o quanto a mesma se preocupa com os impactos ambientais. Para ganhar esses selos estas instituições devem cumprir exigências, relacionadas à prestação de serviços, processos de produção, etc. A aquisição desses selos é positiva para a empresa, sendo um diferencial e colocando-a como referência, e para seus clientes, conscientizados de que estão comprando um produto de uma companhia a favor do meio ambiente. (IBDN, 2018).

FIGURA 03: IMAGEM DO IBDN



FONTE: <http://www.ibdn.org.br/2017/07/12/selos-de-sustentabilidade-porque-levar-para-minha-empresa/> ACESSO EM: 19 out. 2018

FIGURA 04: SELOS DE SUSTENTABILIDADE



FONTE: <http://www.ibdn.org.br/2017/07/12/selos-de-sustentabilidade-porque-levar-para-minha-empresa/> ACESSO EM: 19 out. 2018

3.2.4 Fósforo Cenografia

A Fósforo Cenografia é uma empresa de arquitetura e cenografia comercial, corporativa e de eventos. Em seu site e blog postam frequentemente suas produções cenográficas e sustentáveis. Além de espalharem essas ideias ecológicas, seus trabalhos também são realizados com esses ideais, utilizando materiais biodegradáveis, reutilizando estruturas e reciclando resíduos. (FÓSFORO CENOGRAFIA, 2018).

FIGURA 05: CENÁRIO DE SHOW



FONTE: <http://fosforocenografia.com.br/portfolio/in/lovi/> ACESSO EM: 21 out. 2018

FIGURA 06: CENOGRAFIA DE EVENTO



FONTE: <http://fosforocenografia.com.br/portfolio/in/festival-meu-vizinho-paridini/> ACESSO EM: 21 out. 2018

3.2.5 Ciclo Vivo

Ciclo Vivo é um site de notícias relacionadas a sustentabilidade. Em suas matérias relatam vários exemplos de sustentabilidade ligados a eventos artísticos e também a arquitetura comprometida com o ambiente. Como exemplo, há o relato de uma comunidade inglesa que construiu um teatro sustentável. Os organizadores do evento usaram a criatividade para driblar a crise. Com materiais reciclados/reutilizados e, contando com a ajuda da comunidade ergueram uma estrutura para comemorar o aniversário de um festival de teatro inglês. Resistente ao vento e a chuva, a construção recebeu apresentações teatrais e uma programação de arte e cultura. (CICLOVIVO, 2018).

FIGURA 07: TEATRO CONSTRUÍDO COM MATERIAIS RECICLADOS/REUTILIZADOS



FONTE:

http://ciclovivo.com.br/arqurb/arquitetura/comunidade_inglesa_constrói_teatro_com_materiais_reciclados_e_recicláveis/ ACESSO EM: 21 out. 2018

4 PROCESSOS DE PRODUÇÃO CENOGRÁFICA COM A REUTILIZAÇÃO DE MATERIAS DESCARTADOS: UMA PROPOSTA DE PROJETO DE APRENDIZAGEM / UFPR SETOR LITORAL

Quando iniciei o Curso de Licenciatura em Artes, pela UFPR, em 2015, foi-me apresentado seu Projeto Político Pedagógico⁸ (PPP). Dele faz parte o Projeto de Aprendizagem (P.A.)⁹. Num primeiro momento o P.A. me pareceu confuso e complicado, mas após compreendê-lo melhor, entendi que me dava liberdade para desenvolver ideias e desejos acadêmicos. A única certeza que tinha na época era que queria trabalhar/pesquisar algo relacionado ao Teatro. Primeiro, por que já trabalhava na área (trabalho com teatro desde março de 2013) e, segundo porque pretendia investir nesta área profissionalmente. Havia decidido que, durante a graduação não fugiria da minha área de atuação. Sabendo que o estudo da arte teatral é muito profundo e extenso, resolvi focar em uma área mais específica, decorrendo daí a escolha em trabalhar com cenários pra teatro – ou seja, com a cenografia.

No meu primeiro semestre de UFPR, participei das Interações Culturais e Humanísticas (ICH)¹⁰ denominada “Paisagismo Agroecológico” oferecida pelo Prof. Dr. Gilson Walmor Dahmer. No início não sabia como este ICH poderia me ajudar, nem mesmo sabia se ele me proporcionaria algum conhecimento interessante. Entretanto, depois de alguns encontros, discussões e pesquisas notei que os conhecimentos que estava adquirindo despertavam meu interesse e me “abriam os olhos” para as temáticas sobre a sustentabilidade e os cuidados com o planeta. Fui paulatinamente ligando estas temáticas ao meu interesse pelo teatro, chegando a

8 Ver PPP completo no site da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projeto-politicopedagogico/> (PPP 2017).

9 Projeto de Aprendizagem: Todo aluno matriculado em alguma graduação da UFPR Litoral, desde o primeiro ano constrói seu Projeto de Aprendizagem que é requisito parcial para conclusão do curso, os PA's permitem que os alunos construam com autonomia o seu conhecimento de forma integrada, aliando o aprofundamento metodológico e científico a preparação para o exercício profissional. (P.A. 2017)

10 Interações Culturais e Humanísticas: ICH São atividades que promovem interação vertical e horizontal, entre estudantes em fases diferentes e de cursos diferentes. Essas interações são como oficinas e podem ter diversos temas, são construídas entre estudantes, comunidade e servidores e sempre mediados por um professor da instituição. Os saberes são praticados e problematizados, fortalecendo compromissos ético e políticos. (ICH 2017)

minha proposta de P.A. e ao meu objetivo geral nele: criar adereços e cenários para peças teatrais a partir de materiais reutilizáveis e recicláveis.

A questão da sustentabilidade e da reciclagem já eram importantes para mim, assim como o processo criativo envolvido na pesquisa. Tirar da rua o material que iria para o lixo e dar a ele outro destino. Questionar a capacidade de construir a partir de materiais incomuns. Toda essa busca pelo desconhecido era importante. Todas as tentativas, erros, desafios, acertos. Todas as experimentações, etapas, fases da produção seriam e acabaram realmente sendo essenciais para o processo como um todo.

Entre os anos de 2015 e 2016 eu também participei do projeto de extensão “Cia Juvenil de Teatro” da UFPR Litoral. Este projeto, que não existe mais, era na época, coordenado pelo Prof. Me. Alaor de Carvalho e havia sido criado em 2012. Inclusive, antes de ser um projeto de extensão havia sido um projeto do PIBID. Através da “Cia Juvenil de Teatro” pude experimentar um pouco da “prática” do meu P.A. a partir da criação do cenário do espetáculo “Meu Conto de Fadas Virou Pesadelo”. Inexperiente, acabei não anotando nada do processo, mesmo assim foi proveitosa a experimentação.

No início de 2017, conversando com a minha orientadora, decidimos mudar os planos. Ao invés de tentar fazer o cenário de alguma peça específica passei a ter como meta experimentar a construção de alguns objetos cenográficos individuais – previamente estabelecidos – com material reutilizável ou reciclável pra saber afinal se daria realmente certo ou não. Fizemos então uma lista de objetos que eu deveria criar e a partir de um cronograma de datas para entrega destes objetos passei a trabalhar a produção dos mesmos.

Fiz novas pesquisas pra buscar inspiração, usei bastante a rede social “Pinterest”¹¹. Criei uma pasta digital onde guardava todas as ideias e inspirações. Em um ano, encontrei muitos materiais para pesquisa, muita novidade em se tratando de reaproveitamento de materiais e reciclagem. Esta reviravolta me deixou mais esperançoso e inspirado. Coloquei então, literalmente, “as mãos na massa”.

11 Pinterest: É uma rede social de compartilhamento de fotos. Funciona como um mural de inspirações para diversas coisas onde ao criar uma conta o usuário seleciona os temas que sejam de seu interesse como fotografias, arte, tatuagens, moda, desenhos, etc, e passa a receber diversas imagens em um “feed” que sejam ou tenham relação com os temas escolhidos anteriormente. Pode-se pesquisar diversas outras coisas também e além de ver é possível salvar as imagens e criar pastas organizadas com o tema que quiser. Pode ser vinculado a outras redes sociais e ser usado também como meio de divulgação de produtos e comércios. (Blog Pinterest 2017)

A partir de um cronograma organizado com datas e metas e mais focado em meus objetivos escolhi os dois primeiros “objetos” cenográficos em que trabalharia. Decidi, a princípio que faria um objeto grande e um outro de tamanho médio – para poder experimentar diferentes possibilidades. Seriam eles uma lareira e um criado-mudo. A segunda tarefa foi a de pensar na matéria prima que seria empregada em cada um deles. A escolha mais óbvia no momento foi o uso do papelão. Minha orientadora me auxiliou, nesta fase, tirando muitas das minhas dúvidas e me oferecendo diversas dicas que me prepararam para toda a fase de construção. O próximo passo foi conseguir os materiais.

Não adiantava somente encontrar os papelões na rua – o transporte era o maior problema. Sem contar que muitas vezes quando eu chegava para buscar já haviam levado antes de mim o material. Foi realmente muito difícil conseguir juntar tudo sozinho. Tive que contar com a ajuda de muitos amigos. Só assim foi possível achar, carregar, guardar e acumular papelão suficiente para esta fase. Muitos amigos e conhecidos guardaram caixas e placas de papelão em suas casas e outros saíram de carro comigo pela cidade me ajudando a carregar todo o material.

Quanto à técnica para produção dos objetos – utilizei a papietagem¹². Muito utilizada no artesanato, a papietagem é uma técnica fácil de ser realizada, é barata e oferece grande resistência e acabamento aos objetos produzidos a partir dela. Para tal técnica precisei de muito jornal, o qual consegui através de doação de pessoas que também me ajudaram após conhecerem meu P.A. Por fim ainda foi preciso comprar materiais como: cola, cola quente, trigo e vinagre (para cola “grude”) e fita crepe – essenciais para pôr em prática a produção.

Tudo pronto, quando apareciam dúvidas recorria a minha orientadora. Foi um longo processo, cheio de etapas – o qual gerou muita ansiedade, acúmulo de material, desorganização e bagunça. Tive de impor um ritmo ao trabalho para que eu realmente pudesse ver progressos. - Tive também apoio da minha mãe e de pessoas muito especiais para conseguir seguir em frente.

Aos poucos, dia após dia fui fazendo, concretizando minhas metas. Uma vez ou outra acabava deixando atrasar algo, mas foi tudo no meu ritmo. Os objetos foram ganhando forma, força. Até mesmo o clima se tornou obstáculo – dificultando

¹² A técnica de papietagem consiste basicamente em cobrir determinada peça ou objeto com pedaços rasgados de jornal ou papel Kraft e cola, dando força e resistência ao item trabalhado.

certas fases do processo. Cada etapa, cada parte dos objetos que iam sendo feitas foram, cada vez mais, sendo entendidas como pequenas vitórias e assim tudo ficou, enfim, pronto.

4.1 A CONFECÇÃO DO PRIMEIRO OBJETO: A LAREIRA

A matéria-prima utilizada foi o papelão. Foram necessários pedaços grandes, pequenos, grossos e finos. Foram feitos muitos recortes e principalmente muitos cálculos para produzir a lareira.

FIGURA 08: PAPELÕES ACUMULADOS



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 09: INÍCIO DO RECORTE DOS PAPELÕES



Fonte: Autor, 2017

Pensando no resultado que desejava dividi a lareira em três partes que seriam unidas ao final. Havia a tampa de cima, a parte central da lareira e a base dela, inteiramente feitas de papelão. Comecei pelo centro: com a maior placa de papelão fiz o fundo e as laterais. Dobrando partes obtive a largura e a altura que desejava: 0,95cm x 1,25cm de altura.

FIGURA 10: INÍCIO DA ESTRUTURA DA LAREIRA



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 11: ESTRUTURA CENTRAL E TAMPA



Fonte: Autor, 2017

Com pedaços fiz a frente e com outros recortes e meia caixa de papelão fechei a parte interna. Para juntar todas as partes usei cola quente e pra garantir a fixação preendi tudo com bastante fita crepe. Pelo tamanho que ficou foi preciso prender arames na parte interna: para que ela não entortasse ou ficasse muito frágil. Com uma tira de papelão fechei a abertura de cima, onde depois foi colocada a tampa. Feito tudo isso estava pronta a primeira estrutura.

A tampa de cima e a base da lareira foram feitas com recortes retangulares de papelão, foram usados pelo menos duas tiras de papelão bem coladas umas as outras para que ficassem mais grossas, pude reutilizar bastante os recortes que sobraram, então, tudo foi muito bem aproveitado.

FIGURA 12: PAPELÕES FORMANDO A BASE DA LAREIRA



Fonte: Autor, 2017

Depois de prontas as estruturas, precisei aplicar a técnica de papietagem nas três partes. Fazendo com bastante cuidado pra não ter falhas nem bolhas de ar, a primeira camada de papietagem da tampa levou cerca de duas horas para ser feita, a base por ter mais cantos, camadas e andares levou de três a quatro horas e o centro da lareira devido ao seu tamanho, o cuidado com os cantos e querendo garantir um ótimo acabamento, o preenchimento total dela levou aproximadamente nove horas para terminar.

FIGURA 13: PRIMEIRA CAMADA DE PAPIETAGEM E REPAROS



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 14: PAPIETAGEM DA BASE



Fonte: Autor, 2017

Para garantir que as peças ficassem esteticamente “bonitas” e ao mesmo tempo firmes e resistentes uma segunda camada de papietagem foi feita. Após a secagem das camadas – o que não era rápido, já que a umidade do ar é muito alta em Matinhos - PR – foi a vez de, com uma lixa fina, retirar pequenas dobras e imperfeições que ficaram no objeto. Várias foram as vezes que tive de limpar o mofo que se acumulou na lareira, durante sua secagem. A limpeza foi realizada sempre primeiramente com um pano seco, seguido de um pano umedecido no vinagre. Após a limpeza jatos quentes de um secador de cabelos. Hoje sei que a papietagem deve ser feita em dias secos e o meu grude feito com muito vinagre, e lá se foram mais alguns dias e horas até completar tudo.

FIGURA 15: SEGUNDA CAMADA DE PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 16: COLAGEM DAS TRÊS PARTES



Fonte: Autor, 2017

Finalizada e secas as camadas, as peças foram presas umas às outras, e por fim foram passadas duas demãos de tinta branco gelo na lareira. Nas bordas foram colada caixinhas de incenso que também foram pintadas de branco para formar uma “moldura” decorativa na peça. Pra completar e dar o acabamento final na peça, foi passada uma camada de verniz termolina (feito de cola e água).

FIGURA 17: QUASE PRONTA, COM DUAS CAMADAS DE TINTA



Fonte: Autor, 2017

4.2 A CONFECÇÃO DO SEGUNDO OBJETO: O CRIADO-MUDO

O Criado-mudo foi sendo produzido nos intervalos da produção da Lareira. Procurei produzir um objeto que tivesse uma gaveta e fosse retangular. Por sorte encontrei duas caixas que se encaixavam perfeitamente, a caixa que seria a gaveta precisava ser diminuída, mas ainda sim, foram perfeitas para esta produção.

FIGURA 18: TESTE CAIXAS QUE SE ENCAIXAM



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 19: CAIXA PARA GAVETA



Fonte: Autor, 2017

Assim como a lareira, preendi as partes com cola quente e fita crepe. A ideia foi deixá-la o mais resistente possível. Foram necessários muitos recortes e cálculos. Fiz também uma prateleira que fechou o espaço entre a gaveta e o restante do “criado”, completando o objeto esteticamente.

FIGURA 20: FIXAÇÃO DA PRATELEIRA E DIVISÃO DA GAVETA



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 21: PÉS DE ISOPOR FIXOS E INÍCIO DA PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2017

“Revirando” os lixos da universidade encontrei copos de isopor (juntei cerca de 10 deles). As pessoas costumam usá-los para tomar café, entretanto este material não se desfaz na natureza. Eu sempre pensei que de alguma forma precisaria usá-los neste objeto. Então com eles foram feitos os pés do criado-mudo. Quatro pés, cada um feito a partir de dois copos, que depois de lavados e higienizados foram preenchidos com restos de papelão e jornal e colados a estrutura do “criado”.

A etapa seguinte foi a da papietagem que teve início pela parte interna. A grande dificuldade foi papietar os cantos. Quanto mais fundo mais difícil o manuseio do pincel. Esta etapa levou cerca de 10 horas divididas em três dias para ser realizada. A parte externa acabou levando a mesma quantidade de horas para ser produzido.

FIGURA 22: GAVETA COM PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 23: CRIADO MUDO PAPIETADO



Fonte: Autor, 2017

Cobrir os pés de isopor também foi complicado por causa do acabamento que decidi dar. Pra secar, todas as partes do objeto foram colocadas em um ambiente ventilado e sobre ele um ventilador ligado. Neste objeto foi realizada apenas uma camada de papietagem que após seca foi lixada e pintada com duas camadas de tinta e uma de verniz termolina¹³. Por fim, encaixada a gaveta conclui o segundo objeto.

FIGURA 24: LAREIRA COM DECORAÇÃO E VERNIZ



Fonte: Autor, 2017

FIGURA 25: CRIADO MUDO COMPLETO



Fonte: Autor, 2017

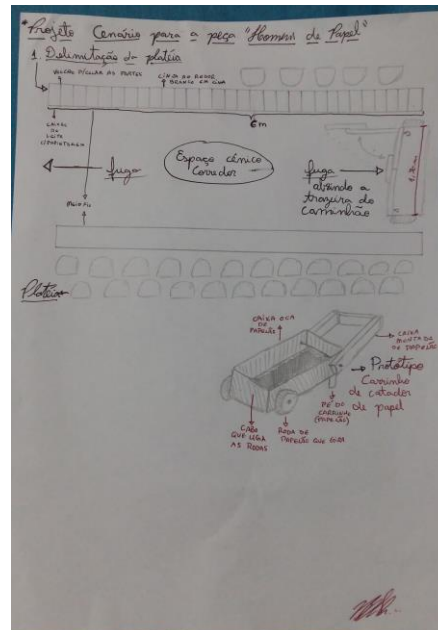
¹³ Verniz produzido com uma medida de água para uma medida de cola, utilizado para selar peças e dar acabamento.

4.3 CENOGRAFIA COMPLETA PARA UM ESPETÁCULO

Após a produção destes primeiros objetos e a comprovação de que uma cenografia teatral sustentável era possível, o passo seguinte seria elaborar uma cenografia completa para um espetáculo, utilizando como matéria-prima materiais reutilizados e recicláveis. Contatei então Breno Oberdan, que é o responsável e proprietário de uma Companhia de Teatro de Matinhos a “Cia Cultural Rainha Maçã”, que além de um grande amigo, sabia do meu projeto, estudos e ideias. Depois de uma reunião acordamos que a produção dos cenários de um de seus espetáculos seria de minha responsabilidade: este foi o “pontapé” inicial de uma nova etapa.

Em novembro de 2017 iniciamos o trabalho com algumas reuniões e planejamentos. O espetáculo escolhido por ele foi “Homens de Papel”, de Plínio Marcos. Um drama que trata de temas como trabalho, injustiça, relações de poder e sobrevivência. Basicamente, a história gira em torno de um grupo de catadores de papel, uma família recém-agregada ao grupo e um homem que compra e vende (e explora) o material destes catadores.

FIGURA 26: PROJETO DE CENÁRIO



Fonte: Autor, 2017

Após algumas leituras do texto da peça, reuniões e troca de ideias, elaboramos um projeto bidimensional do cenário para o espetáculo. A próxima etapa

foi a captação de recursos (tarefa realizada em diversos dias). Variando entre papelões encontrados aleatoriamente e outros encontrados por amigos que avisavam a localização através de mensagens de celular, na metade do mês de dezembro de 2017 já havíamos coletado material suficiente para o que havíamos pensado.

FIGURA 27: NOVOS PAPELÕES ENCONTRADOS



Fonte: Autor, 2017

A partir deste momento nossas reuniões foram para elaborar ideias de produção dos objetos considerando as necessidades da peça teatral escolhida do diretor. A ideia era ter um cenário grande e forte, mas também prático, de modo que não fosse difícil de ser transportado ou guardado. A princípio o local escolhido para o espetáculo foi o palco do Teatro Raquel Costa em Paranaguá, Paraná (entretanto, levando sempre em conta o fato de que a peça seria apresentada em outros locais, espaços e cidades).

O formato de palco escolhido para essa montagem foi o “palco-corredor”, uma variação do “palco de arena¹⁴”, quase como uma passarela, onde as cenas ocorrem

¹⁴ Palco circular, rodeado por arquibancadas, que é onde o público se acomoda.

no centro e a plateia se dispõe nas laterais. Para fazermos isso no Teatro Raquel Costa ou em outros espaços, pensamos em colocar todos, atores e plateia, juntos no palco, e delimitar o espaço de cada um. Surgiu então a ideia de demarcar a área da cena com um tipo de meio fio. Este meio fio seria na verdade caixinhas de leite também trabalhadas e reforçadas, que no palco separariam e marcariam a divisão dos dois mundos, público e personagens.

Fizemos inúmeras reuniões sobre a cenografia e o espetáculo. Alguns meses se passaram e foi possível idealizar um cenário montável e desmontável feito apenas por placas que podiam ser desmontadas (quanto as caixas de leite, pedimos para que o elenco também as guardassem).

Em maio de 2018, já tínhamos caixas de leite suficientes. Para deixá-las fortes e resistentes seria necessário trabalhar a técnica de papietagem. Considerando os estudos realizados até então sobre cenografia e sua produção, esse trabalho poderia muito bem ser realizado no coletivo, colocando em prática também relações de educação, ensino-aprendizagem e tantos outros conhecimentos obtidos nas aulas da UFPR. Foram então marcadas oficinas de papietagem com o elenco do espetáculo (acontecidas no mês de junho de 2018).

4.3.1 Oficina de Papietagem

1º Encontro – Dia 18/06/2018

A oficina de Papietagem aconteceu em Paranaguá cidade onde também atua a Cia de teatro do Breno. Neste local são realizados encontros semanais onde os participantes fazem estudos teóricos e práticos de teatro. Ao mesmo tempo, produzem e montam peças teatrais que, se transformam em espetáculos. Para este primeiro encontro, o trabalho foi pautado no espetáculo “Homens de Papel”.

O primeiro dia de oficina aconteceu no palco do Teatro Raquel Costa. O elenco é formado por um grupo misto de homens e mulheres, jovens e adultos, com idades entre treze e cinquenta e cinco anos.

Contei a todos o meu trabalho, as ideias do projeto de cenário e o motivo da oficina. Expliquei também sobre cenografias sustentáveis e como aconteceria essa produção. Falei de cada material que seria utilizado e como deveria ser realizada a

técnica de papietagem considerando a ideia do cenário, mostrando a eles uma caixinha como exemplo.

FIGURA 28: CAIXINHA TESTE



FONTE: Autor, 2018

Todos começaram rasgando os jornais, enquanto preparamos potes de cola “grude”, cola feita a partir da mistura de água, trigo e vinagre. Nos dividimos em duas equipes: uma continuaria picotando os jornais enquanto a outra daria início a aplicação da técnica de papietagem nas caixinhas de leite. Para muitos a papietagem era uma novidade, enquanto outros disseram já ter trabalho com a técnica nas aulas de arte da escola. O tempo todo era lembrado sobre como garantir um bom acabamento na papietagem. Alguns utilizaram pincéis enquanto outros preferiram fazer com as próprias mãos. Durante a atividade eles colocaram músicas e conversaram sobre o dia a dia, sobre aquele momento e sobre teatro.

FIGURA 29: MESA DE PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 30: MESA DE JORNAIS



Fonte: Autor, 2018

No fim da oficina todo o jornal já havia sido rasgado, algumas caixinhas já estavam com a primeira camada completa, separadas das demais, colocadas em um espaço para a secagem.

2º Encontro – Dia 19/06/2018

Em razão de o teatro estar sendo utilizado, o segundo dia de oficina aconteceu na Casa Dacheux também em Paranaguá, é um local referência de arquitetura que foi restaurado pelo poder público e hoje funciona como espaço cultural para exposições e oficinas. Lá preparamos juntos mais cola grude, revisamos o planejamento e objetivos. As caixas de leite precisavam ficar firmes quando prontas, sem perder seu formato quadrado, mas carregá-las ou transportá-las abertas ocuparia muito espaço e daria um certo trabalho, por essa razão, a aplicação da técnica de papietagem e a secagem das caixinhas tinha de ser cuidadosa. Durante a secagem das caixas elas precisavam ser dobradas, de modo que os cantos ficassem maleáveis, mas os meios permanecessem firmes. Assim, quando o cenário fosse ser desmontado, as caixas seriam desprendidas umas das outras, dobradas de forma plana e facilmente guardadas e transportadas.

FIGURA 31: MESA DE PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 32: MESA DE PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2018

Novamente com música e conversas seguimos com a atividade – agora com mais prática. Com cuidado todas as caixas foram dobradas para a secagem perfeita.

FIGURA 33: CAIXINHAS PAPIETADAS



FONTE: Autor, 2018

O processo todo foi trabalhoso e cansativo, mas todos ficaram muito satisfeitos com o resultado. Como o clima estava úmido e gelado, o processo de secagem foi mais lento. As caixas de leite, agora transformadas em “blocos de concreto” estavam prontas para a pintura.

Os outros elementos cenográficos exigiriam um pouco mais de tempo e esforço. Os “carrinhos dos catadores de lixo” e a “traseira do caminhão” foram pensados, idealizados e desenhados várias vezes e de diversas maneiras. Foi preciso primeiramente fazê-los em maquetes, para depois trazê-los para o tamanho ideal. As miniaturas foram construídas com placas de isopor¹⁵ (FIGURA 27), comumente utilizadas em mercados para reservar frios ou algum outro produto refrigerado, e que foram guardadas para este objetivo.

¹⁵ Polímero aromático sintético ou Poliestireno, é o material mais conhecido no Brasil como isopor (nome técnico registrado por uma empresa alemã). Ele é um tipo de plástico derivado do petróleo com diversas funções, fortemente usado como embalagem térmica ou barreira de vapor e oxigênio, pelas indústrias e comércios em geral. Segundo o relatório *Plastics BAN – Better Alternatives Now*, o isopor é considerado um dos piores elementos poluidores do planeta, apontado também como grande causador da morte de animais marinhos e outros. (Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/isopor-reciclavel-ou-nao/> - Acesso em: 07/05/2018).

FIGURA 34: MINIATURA CARRINHO ISOPOR



FONTE: Autor, 2018

FIGURA 35: MINIATURA TRASEIRA DE CAMINHÃO ISOPOR



FONTE: Autor, 2018

4.3.2 Confeção de Carrinho – Catadores

Para a produção do “carrinho de catadores” foi escolhida uma caixa de papelão em boas condições. Para alcançar os resultados obtidos nas maquetes, recortes necessários foram feitos e partes foram presas com tiras de arame, grampos, cola e fita, para impedir que suas formas fossem alteradas.

FIGURA 36: PAPELÕES PARA CARRINHO CATADORES



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 37: ESTRUTURAS E REPAROS PARA CARRINHO



Fonte: Autor, 2018

Com a estrutura feita, foi aplicada a técnica de papietagem. Na cola grude foi utilizada uma grande quantidade de vinagre para evitar a produção de fungos uma vez que o tempo estava bastante instável. A cobertura total da peça levou cerca de 4 a 5 horas para ser realizada, uma vez que as bordas e as aberturas precisavam ser cobertas cuidadosamente. O processo de secagem deste e dos outros elementos foi semelhante ao feito com as caixinhas de leite. A caixa foi cuidadosamente dobrada, mas devido a extensão da abertura das abas, as “tampas” das extremidades, ficaram mais sensíveis, sendo necessária uma maior atenção e trabalho.

FIGURA 38: CAIXA CARRINHO COM PAPIETAGEM



FONTE: Autor, 2018.

Depois de seca, uma nova papietagem foi realizada para reforçar e corrigir falhas. Enquanto o processo de secagem acontecia, as rodas do carrinho e as alças para segurar foram produzidas. A união de várias placas circulares de papelão formaram as rodas que também receberam a técnica de papietagem, para reforçá-las e para mantê-las juntas. As alças do carrinho foram produzidas para que se encaixassem na caixa. As alças receberam recheio extra de papelão para ficarem mais firmes, assim como uma camada a mais de papietagem.

FIGURA 39: ALÇAS DO CARRINHO



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 40: RODAS DO CARRINHO



Fonte: Autor, 2018

A finalização deste objeto, após a sua secagem, foi realizada passando uma lixa fina para retirar pequenas falhas. Cada parte desmontada recebeu uma camada de verniz termolina e foram encaixadas umas às outras depois. Um cabo de vassoura velho conectou uma roda a outra e, as abas abertas (que precisavam se manter fixas no carrinho durante o espetáculo), foram presas por dentro com faixas de velcro que quando grudadas garantiam a fixação. O aspecto final dos elementos cenográficos, foi uma aparência “crua”, “fictícia” e com a técnica da papietagem aparecendo propositalmente. A princípio a ideia era ter um aspecto mais realista dos objetos, mas depois decidiu-se por “fugir” deste ideal e ter um cenário mais expressionista e abstrato, que acompanhasse o elenco e os figurinos e que combinasse ainda mais com o resultado final esperado para o espetáculo.

FIGURA 41: CARRINHO MONTADO COMPLETO



FONTE: Autor, 2018.

4.3.3 Confecção da Traseira de Caminhão

Devido ao tamanho e a complexidade da traseira do caminhão, todo o processo foi feito com mais cautela. Definidos os desenhos de base e as caixas a serem trabalhadas, o primeiro passo foi recortá-las e aos poucos organizar a estrutura da traseira do caminhão.

FIGURA 42: PAPELÕES PARA TRASEIRA DE CAMINHÃO



FONTE: Autor, 2018

Pedaços grandes de papelão foram grudados com cola quente e fita crepe. Outras partes foram fixadas com tiras de arame para manter o formato do papelão, tanto durante a produção quanto depois de pronto o objeto. Duas placas grandes foram usadas para fechar encima e embaixo a traseira do caminhão. Sendo, portanto, esta primeira parte: a caçamba do caminhão (foram ainda produzidas e incluídas nessa caçamba duas rodas traseiras, dois apoios para a frente (que ficam escondidos) e uma placa, muito comum em alguns caminhões, que geralmente possuem frases cômicas, reflexivas ou religiosas).

FIGURA 43: PLACAS COM ARAME, APOIADAS COMO IDEIA PARA A CAÇAMBA.



FONTE: Autor, 2018.

Minhas amigas, Sheron Nunes e Claudia Corrêa e também o próprio Breno, me ajudaram no processo de produção destes objetos. Foi preciso dois dias de trabalho para cobrir todas as placas, e no processo de secagem as partes eram dobradas cuidadosamente para conseguir a maleabilidade necessária. Quando terminadas as estruturas, todos os objetos foram cobertos com papietagem.

FIGURA 44: PÉS DE APOIO E RODA DE CAMINHÃO SEM PAPIETAGEM



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 45: PÉS DE APOIO E RODAS DE CAMINHÃO PAPIETADAS



Fonte: Autor, 2018

Devido ao tempo instável e majoritariamente úmido, os objetos produzidos eram o tempo todo armazenados em um quarto com ventilador e circulador de ar, buscando acelerar o processo de secagem. A placa decorativa da traseira do caminhão foi produzida unindo dois pedaços retangulares de papelão e ao redor dos quatro lados foram fixadas tiras de arame, para que a placa ficasse firme e não perdesse sua forma. Realizada a camada de papietagem e com a placa seca, será escrita nela a frase “Glória a Deus”. Esta frase foi escolhida, pois o personagem, dono do caminhão, além de explorar os catadores de lixo, se esconde atrás da religião.

FIGURA 46: PLACA DE CAMINHÃO
PRODUZIDA



Fonte: Autor, 2018

FIGURA 47: PLACA DE CAMINHÃO
PAPIETADA



Fonte: Autor, 2018

Todas as peças foram lixadas e tiveram pequenos reparos. Receberam camadas de verniz termolina e faixas de velcro que serviram para unir as diversas partes das estruturas.

FIGURA 48: MONTAGEM TESTE DO CAMINHÃO



FONTE: Autor, 2018.

FIGURA 49: TRASEIRA DE CAMINHÃO E CORREDOR PRONTOS



FONTE: Autor, 2018.

Infelizmente, foi necessária uma pausa na programação do projeto devido à perda de apoio do local para os ensaios. O trabalho com o elenco e a produção, assim como a estreia do espetáculo, foram adiados para o ano de 2019. Assim mesmo os objetos cenográficos foram finalizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente TCC foi resultado de um grande trabalho teórico/prático de pesquisa e produção cenográfica que durou aproximadamente 04 anos, perpassando todo o Curso de Licenciatura em Artes.

Embora a cenografia não tenha tido início com o teatro, faz atualmente parte intrínseca do mesmo. Por este motivo foi necessário iniciar esta pesquisa entendendo mais profundamente a história do teatro, afim de contextualizar o fazer artístico cenográfico, entendendo também sua evolução e desenvolvimento mas, principalmente suas possibilidades contemporâneas.

É extraordinário o desenvolvimento da cenografia teatral, sendo a mesma uma arte de inúmeras facetas e possibilidades que, sobrevive e se reelabora constantemente e significativamente ocupando o palco e as diferentes ramificações possíveis da arte do teatro, seja de forma bi ou tridimensional.

Atualmente a cenografia ocupa e se dissolve em um leque de possibilidades dentro e fora do teatro, e seus estudos e pesquisas são crescentes. A sustentabilidade entra, portanto neste “jogo” uma vez que muito se pensa hoje nas questões relativas ao cuidado com o meio ambiente.

Pensar a sustentabilidade na arte é mostrar que esta preocupação com o planeta ultrapassa as barreiras das áreas específicas dos diferentes conhecimentos e suas pesquisas. Mostra também que os caminhos e seus processos determinam (como) onde queremos chegar, enquanto humanidade. De modo geral, essa preocupação cresce junto com a produção cênica, como foi exemplificado neste TCC – a partir de grupos e empresas que buscaram meios de produção eficientes sem causar impactos negativos no meio ambiente, e também a partir do relato da experiência com a produção de objetos cênicos a partir de lixo reciclável ou reutilizado.

Iniciativas como as apresentadas neste TCC são importantes, pois são um dos meios possíveis para conscientizar as pessoas sobre os efeitos negativos do descuido com o planeta, ao mesmo tempo em que aponta para possibilidades e soluções para esses impactos. A busca pelo “ser humano” sustentável é um processo, que quando compreendido individualmente vai se inserindo nas diferentes maneiras de ser de cada um. Não é um processo que acontece de repente, mas uma vez apreendido transforma o ser.

Processos e transformações ocorreram também, pessoalmente, nesta graduação. E aconteceram inúmeras vezes, em grandes escalas e nas mais variadas questões – fossem elas de cunho pessoal ou profissional. Desde a entrada na UFPR toda minha noção de mundo mudou, assim como a visão e o entendimento sobre o mundo do outro e sobre o meu próprio. O mergulho na diversidade e nas realidades de cada um pode causar estranheza e receio no começo, mas se nos permitirmos ouvir as histórias, trocar experiências, vivenciar esses anos, essa fase e nos envolvermos – tudo isso é profundamente transformador e incrível. Obviamente que nem tudo é um “mar de rosas”. Existem também momentos impactantes e negativos, pesados, complicados e difíceis de lidar – momentos e experiências que mexem conosco fisicamente, mentalmente, psicologicamente – mas até mesmo esses momentos nos trazem lições e aprendizados.

Este conjunto de emoções, sensações, momentos e experiências impactam diretamente em nossa vida pessoal, acadêmica e conseqüentemente profissional; mesmo que, muitas vezes, nem percebamos o quanto. A autonomia possibilitada pelo PPP da UFPR Litoral nos permite traçar escolhas e caminhos. As experiências obtidas no processo de produção do P.A. e do TCC foram muito valiosas, pelos estudos que fundamentaram e aprofundaram meus conhecimentos e ideias e também por desafiarem minha criatividade e experimentação na construção e na transmissão dos conhecimentos obtidos.

A formação e a transformação ocorridas nestes espaços foram os primeiros passos de uma evolução pessoal que será constante. Daqui pra frente, mais do que ator saio e sigo sendo artista, e mais ainda, artista docente, com mais sonhos, desejos e vontades do que quando entrei. Inspirado no leque de possibilidades dessa graduação, penso em me aprofundar mais com um mestrado, em dar aulas no ensino formal e no não formal. Penso em continuar “arriscando” sempre no meio artístico, ao mesmo tempo em que deixo nas mãos do destino, seguindo o coração pulsante de um jovem adulto, que não tem medo de arriscar e que nunca deixa de ser criança, por mais maduro que possa estar.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO. **Projeto de Lei Nº 161 / 2014. Encenação “Paixão de Cristo”**. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1194548>> Acesso em: 02/10/2018.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino** – Ed. HUCITEC, Edições Mandacaru, São Paulo/SP, 2006.

CASA DACHEUX. **Prédio com arquitetura histórica de Paranaguá**. Disponível em: <<http://www.paranagua.pr.gov.br/secultur/item/casa-dacheux/>> Acesso em: 02/11/2018.

CICLOVIVO. **Teatro construído com materiais recicláveis**. Disponível em: <http://ciclovivo.com.br/arg-urb/arquitetura/comunidade_inglesa_constro_i_teatro_com_materiais_reciclados_e_reciclaveis/> Acesso em: 04/10/2018.

FÓSFORO CENOGRAFIA. **Fósforo Cenografia**. Disponível em: <<http://fosforocenografia.com.br/blog/cenografia-sustentavel-5-praticas-eco-para-o-seu-evento/>> Acesso em: 04/10/2018.

FÓSFORO CENOGRAFIA. **Imagem evento**. Disponível em: <<http://fosforocenografia.com.br/portfolio/in/festival-meu-vizinho-paridini/>> Acesso em: 21/10/2018.

FÓSFORO CENOGRAFIA. **Imagem show**. Disponível em: <<http://fosforocenografia.com.br/portfolio/in/lovi/>> Acesso em: 21/10/2018.

G1. **Cenário com sacos de cimento**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/09/artesao-do-df-cria-cenario-de-teatro-com-papelao-e-sacos-de-cimento.html>> Acesso em: 01/11/2016.

G1 IMAGEM. **Imagem**. Disponível em: <<https://bit.ly/2NPtCgw>> Acesso em: 21/10/2018.

HOWARD, Pamela. **O Que É Cenografia?** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

ISOPOR. **Isopor**. <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/isopor-reciclavel-ou-nao/>> Acesso em: 07/05/2018.

IBDN. **Selos de Sustentabilidade**. Disponível em: <<http://www.ibdn.org.br/2017/07/12/selos-de-sustentabilidade-porque-levar-para-minha-empresa/>> Acesso em 04/10/2018.

ICH. **Interações Culturais e Humanísticas.** Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/interacoes-culturais-e-humanisticas-ich/>> Acesso em: 20/11/2017.

IMAGEM DO LIVRO “TEATRO COM”. **Imagem.** Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Teatro-Materiais-Ressignificados-Imagem-Teatral/dp/8578760263>> ACESSO EM: 19/10/2018.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n118/16834.pdf>> Acesso em: 27/09/2018.

MAGALDI, Sabato. **Iniciação ao Teatro.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Produção Sustentável.** <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/conceitos/producao-sustentavel>> Acesso em 27/09/2018.

NERO, Cyro del. **Cenografia – uma breve visita.** São Paulo: Editora Claridade, 2010.

PA. **Projeto de Aprendizagem.** Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/projetos-de-aprendizagem-pa/>> Acesso em 20/11/2017.

PASTA DO PINTEREST. **Pasta de Inspirações.** <<https://br.pinterest.com/vinniemesquita/pa-projeto-de-aprendizagem/>> Acesso em: 03/11/2017.

PEIXOTO, Fernando. **O Que É Teatro.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PINTEREST. **Pinterest.** <<https://blog.pinterest.com/pt-br>> Acesso em: 20/11/2017.

PPP. **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projeto-politico-pedagogico/>> Acesso em: 20/11/2017.

RATTO, Gianni. **Antitratado de Cenografia: Variações sobre o mesmo tema.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

RIOS, Rafael. RIDOLFI, Eli. **Teatro com materiais ressignificados na imagem teatral.** São Paulo: Odysseus Editora, 2011.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SARTORI, Simone; LATRÔNICO, Fernanda; CAMPOS, Lucila M.S. **Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: Uma Taxonomia no Campo da Literatura.** São Paulo: Ambiente e Sociedade, 2014. – Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a02.pdf>> Acesso em: 03/06/2018.

SESC. **Sesc.** <https://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/342_BRINCANDO+DE+FAZER+CENOGRAFIA+COM+PAMELA+HOWA>
Acesso em: 15/08/2016.

URSSI, Nelson José. **A Linguagem Cenográfica.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.